

I

A MÁQUINA

Eu era brilhante, tinha um corpo delgado, era muito ativa. Hoje não sou nem sombra do que já fui. Estou aposentada, mas quer saber, estou aí e, se precisar de mim, ainda faço meus remendinhos. E olha que já conto com cento e poucos anos! Mas vou deixar de rodeios. Vou direto ao ponto. Vou contar para vocês uma pequena história. Acho que ela vai entreter e enternecer um pouco vocês. Sim, porque vocês fazem parte de minha história.

Anésio, um jovem meio espevitado, era vizinho da Vitória. Se olhavam e vai que vai, acabaram namorando. E mais um pouco de tempo, eles resolveram se casar. Naquela época, não tinha muita firula não! era mais ou menos “vapt, vupt!”.

O pai do jovem Anésio, era um italiano, lá da Calábria, se chamava Rafael e vivia com sua esposa Maria Réa (olha que nome mais bonito!). Esses dois homens vez ou outra, tinham lá seus estranhamentos. Enquanto Rafael era muito certinho, o ‘Anesinho’ era meio levado da breca.

Anésio e Vitória, como já disse acima, se casaram. A vida, naquela época, era difícil. Havia até uma expressão gozada para isso, “época das vacas magras”. Pois bem, Rafael, homem de poucas palavras, mas de coração bom, chamou um carroceiro. Isso mesmo. Naquela época (quase cem anos atrás) transitavam aqui nesta, hoje moderna megalópole muitas carroças. Rafael pediu, então ao tal carroceiro, que ele entregasse para a esposa do Anésio, adivinha o que? esta singela máquina, que já fora de Maria Réa. E assim, eu fui desembarcar, como presente de casamento, lá na casa do casal Anésio/Vitória.

Rafael, pai do Anésio, era um homem prático, que estava acostumado com as coisas duras da vida. E assim, ele pensou em um presente útil, para que com ele, pudesse o casal gerar alguma renda, naquele difícil começo de vida a dois. A ideia era de que a parceria entre mim e Vitória, pudesse render alguns bons cruzeiros (nome do dinheiro da época), pois como todos sabemos, o começo de vida de casado nem sempre é muito fácil. Dinheiro sempre foi coisa difícil de se ganhar. Eu mesma, sozinha, não faço dinheiro, mas quando juntam meu esforço e o de uma

pessoa operosa, que me conduz, o resultado é, quase sempre, produtivo, quer dizer, vira dinheiro.

Foi aí que em um belo dia, quando abro meus olhinhos, estou dentro de uma carroça, em frente a uma casa. Ouço vozes, uma jovem senhora diz: “Sou a Vitória”, e o carroceiro lhe diz: “Eu trouxe isso aqui para a senhora!” (olha como o entregador se referiu a mim, “isso aqui”), confesso que não gostei muito não, dessa referência a mim. Vitória, olhou-me e disse: “É uma máquina de costura!”, e o carroceiro completou: “Foi seu Rafael que mandou entregar para a senhora”. Sei não, mas a Vitória não fez lá cara de “bons amigos” afinal, talvez porque eu mais representasse um instrumento de trabalho do que propriamente um autêntico presente de casamento. Coisas da vida.

Minha gente, depois disso, fui acomodada num lugar e aí comecei a trabalhar. Foram muitos anos de trabalho e durante esse tempo, também foram nascendo as meninas, uma, duas, três e quatro, de Vitória e de Anésio.

Quando à noite chegava e todos iam dormir, Vitória continuava sentada na minha frente, e sua filha mais velha, Maria Inês, com 9 anos, por algumas vezes, não ia dormir, esperando sua mãe parar de costurar. Sentava-se no chão, atrás de mim, aos pés da mãe, esperando ajudá-la. E aí então passávamos algum tempo costurando vestidinhos de boneca para a fábrica de brinquedos Estrela e capas de plástico para policiais contra chuva (vocês talvez não saibam, mas ‘Sampa’, era conhecida como terra da garoa).

Para que sua filha fosse dormir, Vitória dizia que já tinha terminado, mas voltava logo depois para terminar por aquela noite. E assim, esse louvado trabalho, durou muito tempo das nossas vidas. O tempo passou, e passou muito rápido. Fiz minha parte, quer dizer, com as mãos e pés hábeis de Vitória, ajudamos nas finanças da casa.

II

Depois de muitos anos, eis Vitória, viúva, filhas casadas, e eu ali num canto, só observando. Nem eu e nem ela trabalhava mais. Um dia ela resolveu mudar de casa e ir para a casa de sua filha mais nova, Meire, que nessa altura, também estava sozinha.

Na mudança, a filha mais velha, aquela que passou algumas noites na companhia da mãe costurando, agora uma jovem mulher assistia a mudança. Acompanhava atentamente o movimento do vai e vem dos transportadores. Notou que, em um canto do quarto de despensa, havia um pequeno volume, ali esquecido. Curiosa, foi examinar e o que viu? eu, encolhida, coberta com um pano.

Maria Inês se dirigiu, então a matriarca e falou: “Mãe, estão esquecendo um pacote lá no quarto dos fundos”. E Vitória, séria, com voz firme, respondeu: “É lixo, deixa lá!”. Eu, no meu canto ouvi isso. Viu gente, e me arrepiei! Olha só, eu que já fui chamada de “isso aqui” pelo carroceiro, lembram? Agora sou chamada de lixo. Mas tudo bem. Sou uma máquina e as pessoas me apelidam como quiserem!

Ela, Maria Inês, chama a Meire e conta o ocorrido, e esta, sempre muito prática, responde: “Deixa que eu pego e a levo”. E assim, lá fui eu, acompanhando os pertences da velha guerreira Vitória, com destino à casa da filha mais nova, a Meire. E assim, com tudo no caminhão, rumamos todos para uma outra casa que eu não conhecia. Quando tudo foi desembarcado na nova casa, e a Vitória, viu o embrulho onde eu estava acomodada, olhou para as filhas, sorriu e disse: “Vocês trouxeram!”.

III

Aqui o tempo passou, também, muito rápido. Depois de alguns bons anos de felicidade, Vitória já apresentava alguns probleminhas de saúde, contava com 96 primaveras, e um dia, ela chamou a filha com a qual morava e deu-lhe um recado: “A máquina deve ser dada para a Maria Inês”. E assim foi feito.

Hoje eu continuo assistindo o tempo passar, dentro de uma caixa, num quartinho de despensa do apartamento da filha mais velha. Ela me olha com carinho, dá uma piscada e diz que vai contar essa história para o seu amor, Paulo. Este, veio me conhecer e disse: “Fique tranquila máquina, me fale mais sobre você que eu vou transmitir seu recado à família da Vitória e Anésio.

Paulo Ortigosa
Procurador de Justiça aposentado